



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

Veículo: JORNAL DA CIDADE

Identificação: CIDADES B1

Data: 15/09/2012

Violência nas escolas assusta professores

Tentativas de homicídio dentro de colégios públicos de Estância abrem debate sobre falta de segurança

Antônio Carlos Garcia
DA EQUIPE IC

A confusão entre dois estudantes do Colégio Estadual Gumerindo Bessa, em Estância, que culminou com uma tentativa de homicídio, não é o único caso de violência que atinge, não só os alunos, mas também os professores. Os sindicatos que representam os professores das redes estadual e municipal asseguram que os problemas ocorrem, mas defendem que a solução não é somente obrigação da polícia, mas do Estado com a adoção de políticas públicas, geração de emprego e renda, além é claro, da discussão pedagógica nas escolas.

A presidente do Sindipema (Sindicato dos Professores da Rede Municipal de Aracaju), Vera Maria Oliveira, observa que toda a violência no entorno da escola reflete dentro do estabelecimento. Vera ressalta que, constantemente, os professores tem relatado casos de violência, principalmente, psicológica. "Hoje a escola é pressionada. Os professores são cobrados para assumirem um papel que é da família. E nós temos que lidar com toda essa situação, com as relações familiares", disse Vera Maria.



Maria Odila



Jadilson Simões



Jorge Henrique

VERA MARIA, do Sindipema, e Ângela Melo, do Sintese, acreditam que a violência no entorno das escolas acaba levando alunos a cometer atos violentos

mudanças nas relações entre professores e alunos. O aluno agride muito o professor. Uma coisa é o professor entender que a relação dele como aluno tem que ser solidária, de respeito", pondera Angela, ao destacar que, ao mesmo tempo, o professor tem que mostrar sua autoridade, manter a disciplina, ter autonomia para estabelecer rotina tranquila, dinâmica, cada um cumprindo os seus papéis.

O diretor de base do Sintese,

Roberto Silva Santos, acrescenta que a escola acaba sendo refém da violência da sociedade e tratar o tema de forma pedagógica, discutir projetos, fazer discussões com a comunidade. "Porque a violência está no dia a dia da sociedade e isso é levado para dentro da escola. O que falta é o enfrentamento destas questões", afirmou. Assim como Angela, Roberto também não concorda com a militarização da escola, pois isso aprofundaria a violência.

"A repressão não resolve. Tem que tratar de forma pedagógica. O aluno precisa ser respeitado, tratado com solidariedade, com carinho" observa. Ele lembra, por exemplo, que o programa Malhação, da Globo, referenda individualismo, a trapaça. "Devemos fazer o contrário, valorizar a solidariedade, a paz.

Segundo Roberto, não existe uma fórmula pronta para combater a violência. "Tudo isso passa pela questão da in-

clusão social, de política de educação, saúde, emprego e renda, e uma série de outras políticas. Isso é um problema de Estado, com todas as secretarias juntas trabalhando. Não é só uma questão de polícia", destacou.

A Secretaria de Segurança Pública (SSP) informou que na Polícia Civil, o combate à violência nas escolas e ao tráfico de drogas nos entornos dos estabelecimentos é feito através de diligências com

investigações e campanhas assim que é identificado o problema nos estabelecimentos de ensino.

Já a PM desenvolve um policiamento preventivo com viaturas fazendo rondas pelas escolas. Existe também uma equipe de quatro policiais que fazem visitas às escolas e levantam números dos estabelecimentos, onde existe o maior número de violência. Essas escolas passam a ter policiamento intensificado.